

ARTE RUPESTRE EM GADO BRAVO/PB: RESQUÍCIOS DE PRESENÇA INDÍGENA

Ivanilson Luciano Camelo¹

1 Graduação em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba e aluno do curso de especialização em Estudos de História Local da Universidade Estadual da Paraíba. Email: ivanilsoncamelo@gmail.com



Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise das principais características e peculiaridades da arte rupestre no Estado da Paraíba, assim como das pinturas rupestres presentes no município paraibano de Gado Bravo. Iniciamos fazendo uma discussão sobre alguns conceitos básicos utilizados na análise da arte rupestre, como Tradições, Sub-Tradições e Estilos. Em seguida fazemos uma análise de como se materializa a arte rupestre na Paraíba e suas particularidades, por último analisamos as peculiaridades das pinturas rupestres do território de Gado Bravo, bem como suas tradições. Para realização do presente trabalho utilizou-se como suporte teórico as pesquisas realizadas por Gabriela Martin, Juvandi de Souza Santos, Ruth Trindade de Almeida, entre outros.

Palavras-chave: Gado Bravo, Arte Rupestre, Tradições.

Abstract

This work aims to analyze the main characteristics and peculiarities of rock art in the State of Paraíba, as well as the rock paintings present in the Paraíba city of Gado Bravo. We begin by discussing some basic concepts used in the analysis of rock art, such as Traditions, Sub-Traditions and Styles. Then we make an analysis of how rock art materializes in Paraíba and its particularities, finally we analyze the peculiarities of rock paintings in the territory of Gado Bravo, as well as their traditions. To carry out the present work, the research carried out by Gabriela Martin, Juvandi de Souza Santos, Ruth Trindade de Almeida, among others, was used as theoretical support.

Keywords: Cattle Bravo, Rock Art, Traditions.

INTRODUÇÃO

A cultura material, especificamente a Arqueologia, tem fornecido valiosas contribuições às pesquisas históricas, de maneira que, com a instituição da chamada *Nova História* que surgiu em detrimento da chamada *História Positivista*, passou-se a utilizar uma multiplicidade de fontes históricas, entre elas os vestígios arqueológicos:

Podemos dizer então que, até o século XIX, o documento era pensado somente como texto escrito e prova de verdade, e os vestígios arqueológicos serviam apenas como enfeite e ilustração (NETTO; SOUZA, 2010, p. 63).

A cultura material abriu o domínio dos historiadores, sobretudo a partir do século XIX, onde passaram a compreender que História não se faz apenas com documentos escritos, estes possuem várias limitações.

A Arqueologia é uma disciplina voltada ao estudo da cultura material, no entanto, muitas

vezes é relegada a um segundo plano por parte dos historiadores (NETTO; SOUZA, 2010), porém, atualmente é cada vez mais contundente a valiosa contribuição que as pesquisas arqueológicas e a cultura material tem fornecido, não só para os historiadores, mas para várias ciências, como a Antropologia, Biologia, Medicina, Geografia, entre outras.

As fontes arqueológicas quando analisadas de forma contextualizada, crítica e dialeticamente, ajudam os historiadores a compreender cientificamente a essência dos fatos acontecidos preteritamente, como por exemplo os sítios arqueológicos de arte rupestre, ruínas de construções antigas, cemitérios, cerâmicas, entre outras fontes. Os sítios arqueológicos por serem locais que carregam vestígios de uma sociedade humana antiga, estão cheios de objetos que necessitam ser analisados minuciosamente, de maneira que, sejam preenchidas, à luz da ciência e da razão, as lacunas interpretativas a respeito da dinâmica sociocultural da sociedade que lhes deu origem.

É por essas razões entre outras que a cultura material e os vestígios arqueológicos, nunca foram tão utilizados entre os historiadores como nos dias atuais.

1. A ARTE RUPESTRE: CONCEITOS BÁSICOS

Os povos pré-históricos que habitaram o território do Estado da Paraíba, segundo Gabriela Martin, Ruth Trindade de Almeida e Juvandi de Souza Santos, não conheciam a escrita, no entanto, utilizavam outras formas de comunicação, através, sobretudo, de símbolos, figuras e desenhos, em sua maioria abstratos, que formam a chamada *arte rupestre*.

Segundo Almeida (1979) a denominada arte rupestre é formada principalmente pelas pinturas e gravuras rupestres, que se constituem em resquícios de uma determinada sociedade humana, que habitou um determinado território em tempos pretéritos. As pinturas consistem na realização de desenhos feitos a tinta, já as gravuras consistem na execução de desenhos por meio de sulcos executados nas rochas. Os locais onde existem pinturas rupestres e outros vestígios humanos antigos são denominados *sítios arqueológicos*. As pinturas e gravuras para melhor serem analisadas, são enquadradas em *tradições, subtradições e estilos*.

Um conceito muito utilizado entre os pesquisadores da arte rupestre é o de tradição, segundo Martin (2013, p. 217):

O conceito de tradição compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que,

necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes.

Portanto, segundo a autora, tradição consiste na representação visual de todo o universo simbólico primitivo, ou seja, ao fitarmos a visão sobre os símbolos presentes em um sítio arqueológico de arte rupestre, podemos identificar a tradição na qual aquele determinado sítio pertence, segundo suas características estéticas e picturais. As principais tradições de arte rupestre que aparecem no atual território da Paraíba são: *Nordeste, Agreste, Geométrica, Astronômica e Itacoatiara*, cada uma com suas características e peculiaridades.

FIGURA 01: ARTE RUPESTRE DA TRADIÇÃO NORDESTE.



CRÉDITO DA IMAGEM: [HTTPS://WWW.NATALDASANTIGAS.COM.BR/BLOG/TRADICAO-NORDESTE](https://www.nataldasantigas.com.br/blog/tradicao-nordeste).
ACESSO EM 25 DE MAIO DE 2022.

FIGURA 02: ARTE RUPESTRE DA TRADIÇÃO AGRESTE NA PEDRA DO ÍNDIO SÍTIO CARUÁ, GADO BRAVO - PARAÍBA.

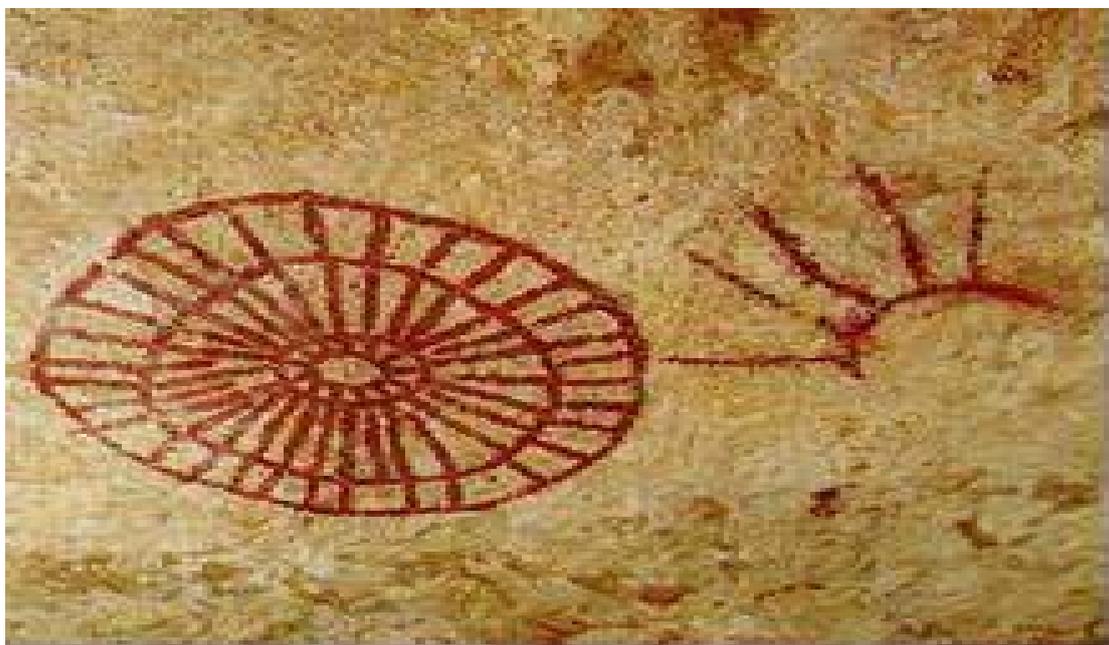


FIGURA 03: ARTE RUPESTRE DA TRADIÇÃO GEOMÉTRICA.



CRÉDITO DA IMAGEM: [HTTPS://BR.PINTEREST.COM/PIN/439452876113290905/](https://br.pinterest.com/pin/439452876113290905/). ACESSO EM: 25 DE MAIO DE 2022.

FIGURA 04: ARTE RUPESTRE DA TRADIÇÃO ASTRONÔMICA.



CRÉDITO DA IMAGEM: [HTTP://WWW.SNH2015.ANPUH.ORG/RESOURCES/ANAIS/39/1434381746](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anaais/39/1434381746).
ACESSO EM: 25 DE MAIO DE 2022.

FIGURA 05: ARTE RUPESTRE DA TRADIÇÃO ITACOATIARA.



CRÉDITO DA IMAGEM: [HTTP://PORTAL.IPHAN.GOV.BR/PAGINA/DETALHES/824](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/824). ACESSO EM: 25 DE MAIO DE 2022.

No entanto, a autora alerta que nem sempre as pinturas rupestres de uma tradição pertencem ao mesmo grupo étnico, e também que existem algumas contradições entre os

arqueólogos e outros pesquisadores da cultura material, sobre o termo tradição, porém, este termo está bem aceito e arraigado no Brasil pela maioria dos pesquisadores.

Outros conceitos básicos muito utilizados são os de subtradições e estilos, sobre este primeiro termo Martin (2013, p. 218) diz o seguinte:

Dentre as sub-divisões posteriores está a sub-tradição, termo introduzido para definir o grupo desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferentes, que implica na presença de elementos novos.

Subtradição é um termo utilizado para designar um grupo humano desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico distintos. Martin (2013) ao parafrasear Pessis e Guidon (1992) diz que estilo é uma decorrência da evolução de uma subtradição, segundo as variações da técnica e da apresentação gráfica, com inovações temáticas que refletem a manifestação criativa de cada comunidade. A autora enfatiza que o termo “estilo” é francamente problemático e o vocábulo não tem sido feliz, por estar fundamentado na conceituação dos estilos artísticos.

2. A ARTE RUPESTRE NA PARAÍBA

A grande maioria dos desenhos que compõem a arte rupestre paraibana são figuras abstratas, impossível de se fazer uma interpretação, já que foram feitas por uma sociedade que não conheceu a escrita, que tinha um modo de vida muito diferente da sociedade atual, de maneira que, só os autores daqueles desenhos poderiam nos revelar o significado daquela simbologia rupestre. No entanto, alguns autores como Almeida (1979) arriscam afirmar que muitos daqueles desenhos representam cenas do cotidiano daqueles povos, representações da figura humana, cursos d'água, répteis e outros animais.

Os autores da arte rupestre paraibana eram os índios, segundo Santos (2006, p. 42) pouco se sabe sobre os grupos humanos que habitaram a Paraíba na Pré-história,

O que se sabe é que a presença do homem pré-histórico no Nordeste do Brasil é muito antiga: em pelo menos 50 mil anos, se tomarmos como referencial as recentes pesquisas do Piauí e de pelo menos 7,6 mil anos A.P. , na Paraíba, conforme atestam à datação de Vieirópolis, no sertão da Paraíba.

O pouco que se sabe sobre os “artistas” rupestres paraibanos é que sua presença no território é bastante intensa e antiga, isso, sobretudo, graças aos vestígios que eles deixaram, como, as centenas de sítios arqueológicos de arte rupestre, muitos cemitérios e possíveis locais que teriam servido de aldeamento.

Com relação à leitura e interpretação da arte rupestre, Martin (2013, p. 219) diz o seguinte:

O estudo do simbolismo é um grande desafio, na medida em que nos deparamos com a dificuldade de definir o não visível. A procura do “oculto” que está atrás do registro gráfico não figurativo é terreno fértil para interpretações ilógicas e não poucas vezes abrigo da ignorância.

Já Almeida (1979, p. 39) ao tratar da questão da interpretação da arte rupestre afirma que:

A grande maioria dos desenhos é abstrata, o objeto não sendo representado tal como é visto ou encontrado na realidade, mas esquematicamente, ou simplificada. Esta esquematização, levada ao extremo, torna impossível a identificação do objeto desenhado, transformando-o em símbolo representativo de objeto, sendo conhecido do artista que o executou, e, provavelmente, da sociedade em que viveu.

As duas autoras fazem um alerta no que se refere a interpretação da simbologia presente na arte rupestre, que pode levar a muitas interpretações errôneas e ilógicas, pois como já foi mencionado anteriormente, os autores dessa arte não conheciam a escrita, e, viveram em uma sociedade e cultura totalmente diferente da nossa.

Com relação aos grafismos, a maioria dos sítios arqueológicos de arte rupestre paraibanos, apresentam os chamados grafismos puros e de composição. Segundo Martin (2013) os primeiros são formados por desenhos que não conseguimos identificar com a simples contemplação visual, já os segundos são formados por desenhos que podem ser reconhecidos através da análise visual. Compreende-se por grafismo “(...) qualquer desenho unitário indefinido no conjunto pictural rupestre (...)” (MARTIN 2013, p. 220).

3. O PASSADO PRÉ-HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE GADO BRAVO

Gado Bravo é um município paraibano criado no dia 29 de abril de 1994, através da Lei Estadual nº 5.924, tornando-se independente politicamente do município de Aroeiras/PB. Com apenas vinte e oito anos de emancipação política, o município está localizado na

mesorregião do Agreste paraibano e na microrregião de Umbuzeiro, também faz parte da Região Metropolitana de Campina Grande/PB e do Compartimento da Borborema (CAMELO, 2021).

A arte rupestre presente no município de Gado Bravo faz parte da chamada Tradição Agreste, esta, segundo Neto e Santos (2020) é considerada posterior a Tradição Nordeste, e tem como principal característica uma forte presença dos chamados grafismos puros, que consistem em figuras de difícil compreensão, sobretudo por possuírem traços que fogem de nossa realidade histórica e cultural. Dentro da Tradição Agreste, existem além dos grafismos puros os chamados grafismos de composição, que são figuras rupestres que possibilitam uma interpretação a partir da simples análise visual.

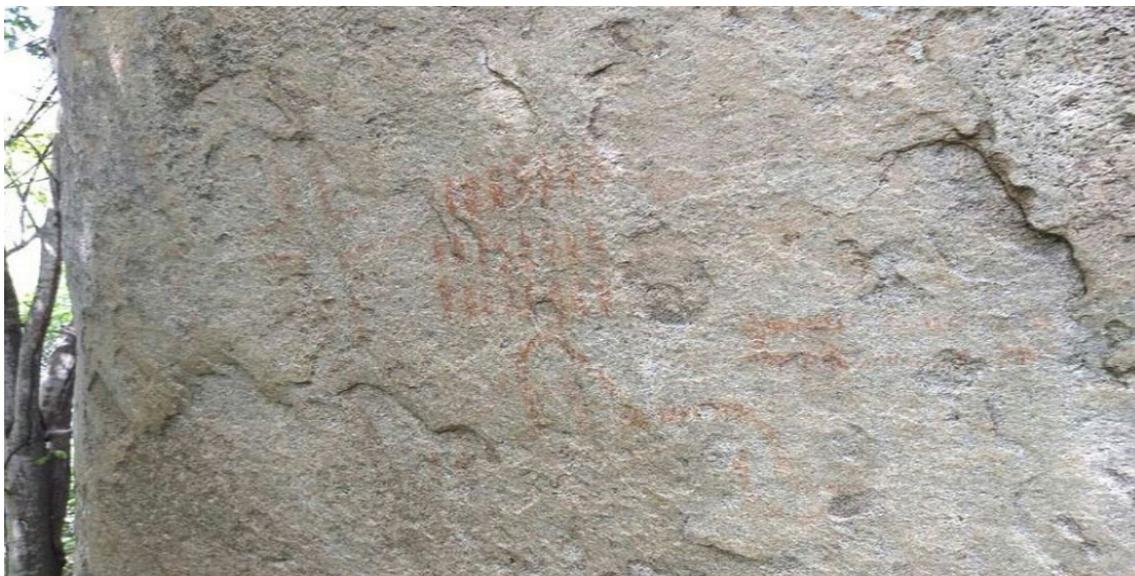
FIGURA 06: GRAFISMOS PUROS SÍTIO ROSILHA, GADO BRAVO – PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: IVANILSON LUCIANO CAMELO, 2019.

Em Gado Bravo foram identificados até o presente momento três sítios arqueológicos de arte rupestre. O primeiro deles foi o Sítio Pedras Altas, visitado pela arqueóloga Ruth Trindade de Almeida em meados da década de 1970, e registrado em seu livro denominado *a arte rupestre nos cariris velhos*, publicado em 1979. Nessa época Gado Bravo não era município, por isso este sítio ficou registrado na obra de Ruth como pertencente a Aroeiras, no entanto, com a emancipação política ocorrida no ano de 1994, ele passou a pertencer ao recém-emancipado município gadobravense. No ano de 2021 esse mesmo sítio foi visitado pelo arqueólogo Juvandi de Souza Santos que fez sua atualização cadastral perante o IPHAN (Figura 08).

FIGURA 07: PINTURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRAS ALTAS, GADO BRAVO - PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: IVANILSON LUCIANO CAMELO, 2021.

Almeida (1979, p. 83) em descrição sumária do sítio Pedras Altas diz o seguinte:

O sítio consta de três matacões distantes um do outro, cerca de 30 metros. No primeiro encontramos as seguintes pinturas de cor vermelha: uma cruz de quatro braços que lembra a cruz grega, linhas verticais paralelas, um retângulo e, talvez, o esboço da parte superior de uma figura humana. Desta primeira pedra os símbolos foram copiados. A segunda pedra, justamente a que dá o nome ao local, é um enorme matacão de 5 ou 6 metros de altura, situado sobre outras pedras o que torna extremamente incômoda a tarefa de copiar as pinturas ali existentes. Os símbolos estão bastante depreciados pela ação do tempo, discernindo-se apenas algumas linhas paralelas, verticais, e uns poucos símbolos abstratos. A terceira pedra apresenta poucos símbolos de cor vermelha, os quais não foram copiados por estarem muito altos.

Ao analisarmos a descrição feita do sítio acima mencionado, percebemos a variedade simbólica do mesmo, com símbolos que se assemelham a parte superior de uma figura humana, outro que lembra a cruz grega, porém ambos impossíveis de dá uma interpretação concreta apenas com a análise visual.

Pela imagem acima representada na figura 07, percebe-se que as pinturas estão um pouco desgastadas pela ação dos agentes naturais de erosão e desgaste da rocha, no entanto, ainda podemos contemplar a rica simbologia rupestre presente no local.

FIGURA 08: VISITA DO ARQUEÓLOGO JUVANDI DE SOUZA SANTOS AO SÍTIO PEDRAS ALTAS EM 2021.



CRÉDITO DA IMAGEM: JOSÉ PRIMITIVO LEAL, 2021.

Os sítios Rosilha e Caruá (Figuras 02 e 06) ficam próximos um do outro, e estão localizados nas proximidades de um afluente do Rio Paraíba. As pinturas presentes em ambos os sítios se materializam através de figuras abstratas, algumas se assemelham a representações de répteis, figuras humanas, animais e cenas do cotidiano.

As pinturas rupestres existentes no município de Gado Bravo pertencem a chamada Tradição Agreste, e são formadas majoritariamente por grafismos puros e de composição.

Desde o começo das suas pesquisas no SE do Piauí, Niède Guidon observou a existência de dois grandes horizontes culturais nas pinturas rupestres da sua área de pesquisa. Batizadas como *tradição Nordeste* e *tradição Agreste*, a primeira tem maior concentração de sítios e é, possivelmente, originária do SE do Piauí, e a segunda, da região agreste de Pernambuco e da Paraíba, motivo que nos levou, de comum acordo, a chamar tradição Agreste a esse horizonte de cronologia posterior à tradição Nordeste (MARTIN, 2013 p. 213).

Como já foi explicitado no início desta pesquisa, segundo a arqueóloga Gabriela Martin (2013) o conceito de tradição corresponde a representação visual de todo um universo simbólico rupestre, a autora ainda diz que as pinturas rupestres de uma tradição nem sempre pertencem aos mesmos grupos étnicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte rupestre na Paraíba se materializa através das pinturas e gravuras rupestres, estas se constituem em vestígios deixados pela sociedade primitiva, portanto, são importantes fontes materiais que ajudarão a conhecer o passado histórico ou pré-histórico local. As pinturas rupestres encontradas nos Sítios Pedras Altas, Rosilha e Caruá fazem parte da chamada Tradição Agreste, com a forte presença de grafismos puros e alguns grafismos de composição.

Em todos os três sítios arqueológicos de arte rupestre até agora descobertos no município de Gado Bravo, percebeu-se algumas características em comum: estão próximos a cursos d'água; localizam-se em lugares altos que proporcionam uma visão estratégica do território; as pinturas são todas em coloração vermelha com o predomínio de grafismos puros.

O município de Gado Bravo teve uma presença indígena muito forte em seu território em tempos pretéritos, prova disso são os resquícios de arte rupestre deixado por eles espalhados pelo território gadobravense, sobretudo próximo a cursos d'água. Esses grupos humanos se constituem nos nativos do lugar, de maneira que eles já viviam ali antes do início do processo colonizador, e mesmo não existindo mais nenhum remanescente, eles deixaram uma herança étnica e cultural viva nos dias atuais. Por tudo isso, esta pesquisa é de suma importância para o conhecimento do passado pré-histórico paraibano e, sobretudo, gadobravense, principalmente por ser este o primeiro trabalho que trata especificamente de pesquisas arqueológicas no município.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos cariris velhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. ; SOUZA, Amilton Justo de. A importância da cultura material e da arqueologia na construção da história. In: **Revista de História da UNISINOS**, 14 (1): 62-76, janeiro/abril 2010. São Leopoldo: Unisinos, 2010 (Data de entrega: 27 de novembro de 2021).

CAMELO, Ivanilson Luciano. **Entre Rebanhos, Gibões e Currais: história multifacetada de Gado Bravo**. 2. ed. Campina Grande: Nativa Edições, 2021.

MARTIN, Gabriela. O universo simbólico do homem pré-histórico nordestino. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013. p. 212-222.

NETO, Manoel Gomes de Oliveira; SANTOS, Juvandi de Souza. Nas malhas do tempo: repensando a presença humana no território de Aroeiras a partir de vestígios arqueológicos. In: MONTEIRO, Luíra Freire; SANTANA,



Flávio Carreiro de (Org.). **O passado ao nosso redor: histórias pela Paraíba**. Campina Grande: Gráfica e Editora Rossetto, 2020. p.409-421.

SANTOS, Juvandi de Souza. A Paraíba antes do processo de colonização. **Paraíba: da pré-história ao início da colonização**. Campina Grande: JRC, 2006. p.33-51.